



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

ANÁLISE LITERÁRIA DOS MECANISMOS DISCURSIVOS E METAFÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DOS ASPECTOS NARRATIVOS SOBRE SEGREGAÇÃO RACIAL NO CONTO "A FRONTEIRA DE ASFALTO", DE LUANDINO VIEIRA

Francisca Brena Pereira Lopes ¹
Francisco Jeovane Gomes Souza ²
Annalies Barbosa Borges ³

RESUMO

O cerne desta pesquisa é realizar uma reflexão sobre a segregação racial que se manifesta através de mecanismos simbólicos, mais especificamente, do uso de metáforas na construção do conto “A fronteira de asfalto”, que faz parte do livro *A cidade e a infância* (1960), do escritor português, que se auto considerava angolano, Luandino Vieira. Sendo assim, este artigo parte da seguinte questão: Como se dão as relações de poder, que contribuem para o processo de segregação racial, dentro da narrativa do conto? Nossa hipótese inicial é que elas se estabelecem a partir do enfoque simbólico, ou seja, dos aspectos metafóricos dentro da narrativa. Na análise aqui proposta, percebe-se que o conto descreve a realidade social de segregação vigente no contexto de Angola, no período de pré-independência. O foco da narrativa se dá em torno de dois personagens: Marina, que pertence à classe dominante e colonizadora; e Ricardo, que, por sua vez, pertence à classe dominada pelos colonizadores. Marcas da narrativa, como a relação entre as personagens protagonistas no decorrer do tempo, bem como o processo de transformação do ambiente em que vivem, advindos de uma urbanização crescente, intensificam simbolicamente a compreensão dos elementos segregadores que perpassam pela sociedade angolana colonizada, atribuindo aos sujeitos uma fronteira, um limite, uma barreira social. Para elucidar nossas hipóteses, a fim de embasar nossa análise, realizamos uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como referenciais teóricos, dentre outros, os autores MOISÉS (1969); GANCHO (2001); BEZERRA (2008) e SEVERO (2017).

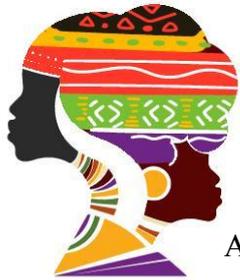
Palavras-chave: Metáfora; Segregação racial; Literatura angolana; Racismo.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando/a do Curso de Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus, Baturité, francisca.brena.pereira08@aluno.ifce.edu.br;

² Graduado/a do Curso de Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus, Baturité, francisco.jeovane.gomes08@aluno.ifce.edu.br;

³ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará, campus Baturité, Mestre em Artes pelo IFCE, annaliesprof@ifce.edu.br



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A análise aqui proposta surge de um interesse em estudar a narrativa angolana a partir de um contato inicial que tivemos com o conto “*A Fronteira do Asfalto*”, que se deu ao trabalharmos a coletânea “*A Cidade e a Infância*”, do escritor angolano José Luandino Vieira, da qual o referido conto faz parte. Tal contato se deu na disciplina de Literatura Africana de Língua Portuguesa, no sétimo período do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE *campus* Baturité.

O conto “*A Fronteira do Asfalto*” nos traz uma narrativa que foca na vida de um rapaz negro e uma garota branca. Eles são separados pelo “asfalto” e por seus familiares, neste sentido a “fronteira” tem como objetivo principal dividir literalmente a classe média (colonizadores) dos “musseques” (colonizados), sendo eles simbolizados pela classe negra e pobre de Luanda. O conto “*A Fronteira do Asfalto*” foi escrito pelo português José Luandino Vieira, pseudônimo literário de José Mateus Vieira da Graça, que não nasceu em Angola, mas se tornou cidadão angolano e integrou fortemente o movimento de libertação do país, contribuindo para a criação da República Angolana.

Nesse sentido, nosso objetivo principal aqui é abordar os aspectos da segregação racial que se manifestam no conto por meio de metáforas, a partir de uma análise literária. A principal questão que norteia este artigo é: Como se dão as relações de poder, que contribuem para o processo de segregação racial, dentro da narrativa deste conto? Nossa hipótese inicial é que elas se estabelecem a partir do enfoque simbólico, ou seja, dos aspectos metafóricos dentro da narrativa. Para realizarmos essa investigação literária, partimos de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e descritiva na análise proposta.

O estilo de escrita de Luandino é bastante peculiar, trazendo diversos atributos literários, dando ênfase nas metáforas, por exemplo o simbolismo que o “asfalto” tem no conto, destacando que existem dois lados:, o dos colonizadores portugueses, e o outro, dos colonizados angolanos. Historicamente, a narrativa tem como contexto o período pós - segunda guerra mundial, momento este que abalou principalmente as colônias portuguesas.

Tendo em vista que o processo de segregação racial e as relações de poder foram simbolicamente retratadas no conto, como mostraremos nos próximos capítulos, a presente análise se faz importante e necessária dentro do ambiente acadêmico com enfoque na área específica de Letras.

Dessa forma, ressalta-se a pertinência dessa pesquisa na medida em que será analisado o uso das metáforas para retratar a segregação racial presente no contexto em que o conto foi



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

escrito, bem como tais temáticas se relacionam com a contemporaneidade, tendo em vista que a segregação racial ainda persiste em nossa sociedade, mesmo que de forma velada.

Deste modo, nosso principal objetivo é investigar como a narração do conto apresenta em seu discurso a temática da segregação racial por meio do processo de metaforização e, mais especificamente, entender como essas metáforas colaboram para a construção deste conto, nas relações estabelecidas no enredo e entre personagens. Por fim, pretendemos refletir sobre o quanto estes aspectos de segregação denunciados na obra reverberam ainda na atualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Utilizaremos nesta pesquisa, a fim de embasar e respaldar nossos argumentos acerca da análise literária aqui proposta, os conceitos desenvolvidos por Moisés (2007). Inicialmente, o autor enfatiza que a análise literária deve ter sempre como ponto de partida o próprio texto. Afirma ainda que os aspectos não literários, como contexto social-histórico, biografia do autor, ou até mesmo uma relação de intertextualidade com outras obras são importantes, fazendo parte de alguns estudos literários, entretanto não devem ser ponto de partida para a análise inicial do texto.

Embora redundante, creio necessário sublinhar que o campo da análise literária é o texto e apenas o texto, porquanto os demais aspectos literários e extraliterários (a biografia dos escritores, o contexto cultural, etc.) escapam à análise e pertencem ao setor dos estudos literários, segundo conceituam Wellek e Austin Warren em sua Teoria da Literatura. (MOISÉS, 2007, p. 25).

No que diz respeito aos textos em prosa, o que é o caso do conto “A Fronteira de Asfalto”, segundo os estudos do autor, apresenta um conceito de “não eu” como ele bem ilustra em: “Quanto à prosa, sabemos que constitui a expressão do “não-eu” através de metáforas aproximadamente univalentes.” (MOISÉS, 2007, p. 84). Assim sendo, Moisés (2007) considera a prosa diferente da poesia, que, por sua vez, trabalha com o “eu”, na figura do eu-lírico. Por outro lado, a prosa traz uma visão de “não-eu” através de suas metáforas, como é o caso da obra aqui estudada, em que há o uso desta figura de linguagem para denunciar os problemas sociais vividos pela sociedade e o período pelo autor e que são retomados e caracterizados no enredo fictício, mas, no contexto do conto, o autor aplica o que Moisés (2007) classifica como “não-eu”, pois não é o autor que nos fala, nem muito menos



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

seu narrador, ele apenas faz uso de metáforas a fim de que seu leitor compreenda a mensagem.

Ainda sob a luz dos estudos de Moisés (2007), nossa análise se centrará não apenas nas metáforas em si, mas também nos personagens que são os agentes da ação, o tempo e o lugar onde a ação se desenrola. Pois afirma o referido autor, medida “em que a análise “sobe” para a consideração particularizada dos ingredientes da prosa de ficção, ou seja, as personagens, o tempo, o lugar, a ação, o ponto de vista narrativo, os expedientes de linguagem (o diálogo, a descrição, a narração e a dissertação).” (MOISÉS, 2007, p. 86). Portanto, faremos uso neste trabalho do que o autor chama de microanálise, uma vez que daremos ênfase aos seguintes aspectos: tempo, lugar, ação, foco narrativo, linguagem com foco no diálogo que compõem a narrativa.

Já, uma macroanálise para Moisés (2007), foca nos aspectos implícitos e na relação do escritor para com o leitor. Por conseguinte, a referida obra também será analisada em seu aspecto macro, seguindo o conceito que o autor nos apresenta no seguinte argumento:

Visto que objetiva a sondagem dinâmica e totalizante do que está por “dentro” das, ou implícito nas, microestruturas, a macroanálise identifica-se antes de tudo por sua verticalidade, pois nela investigar a esfera dos conceitos, sentimentos e emoções que subjaz ao plano das microestruturas. (MOISÉS, 2007, p. 87)

Por fim, Moisés acrescenta que tanto a microanálise quanto a macroanálise estão interligadas e que uma depende da outra para ter seu real significado, o que daria origem a uma macroestrutura global da obra.

Em síntese: sem a visão de conjunto, a análise microscópica corre o risco de não induzir a nada, pela simples razão de que o pormenor somente adquire significação quando confrontado com os demais e com a macroestrutura total da obra. (MOISÉS, 2007, p. 89).

Desta forma, nossa análise seguirá os conceitos propostos pelo referido autor, partindo a priori de uma microanálise e posteriormente de uma macroanálise. Para tanto, utilizaremos os conceitos de personagem, tempo, espaço e narrador desenvolvidos por Gancho (2001), que entende o personagem como um ser fictício, sendo o responsável pela ação narrada no texto literário. Por mais real que aparente ser, um personagem é apenas uma invenção de um determinado autor, seja este personagem baseado em fatos reais ou não (GANCHO, 2001, p. 10).

Para Gancho (2001), os personagens estão divididos em cinco categorias, sendo estas: o protagonista, o antagonista, personagens secundários, personagens planos e personagens redondos. O personagem redondo, dentre estes, seria o tipo de personagem mais complexo de



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

se analisar, pois “Ao se analisar um personagem redondo, deve-se considerar o fato de que ele muda no decorrer da história e que a mera adjetivação, isto é, dizer se é solitário, ou alegre, ou pobre, às vezes não dá conta de caracterizar o personagem.” (GANCHO, 2001, p.14).

No que se refere ao tempo, Gancho (2007) nos traz dois conceitos principais: tempo cronológico, que apresenta uma sequência linear de fatos dentro da narrativa, ou seja um começo, meio e fim; e o tempo psicológico, que transcorre em uma sequência não linear, proposta pelos personagens ou pelo narrador. Este último: “Está, portanto, ligado ao enredo não linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural).” (GANCHO, 2001, p. 16).

Por fim, temos o narrador que é definido como sendo o elemento estruturante de uma história e que, por isso, não existiria uma narrativa sem um narrador. Assim sendo, esta figura pode ser apresentada em uma narrativa em “primeira ou terceira pessoa do singular” (GANCHO, 2001, p. 20). Deste modo, a figura narrativa que nos é apresentada no conto aqui em análise surge como um narrador em terceira pessoa, mais especificamente um “Narrador ‘parcial’: é o narrador que se identifica com determinado personagem da história e, mesmo não o defendendo explicitamente, permite que ele tenha mais espaço, isto é, maior destaque na história.” (GANCHO, 2001, p. 21).

O narrador é o responsável por apresentar ao leitor os elementos metafóricos presentes dentro da narração. Aqui iremos compreender como tais elementos contribuem para a mensagem de segregação racial presente no conto em análise.

SEGREGAÇÃO RACIAL

Ao longo da história da humanidade, a segregação racial foi o principal fator para várias catástrofes mundiais, como a escravidão, a colonização e, principalmente, o nazismo que levou ao extermínio de milhares de pessoas, utilizando-se da segregação racial como uma das justificativas para tais crimes. Nesse sentido, é notório que as consequências da segregação racial foram gigantes em todo o mundo, mas, principalmente, no continente africano. Nesse contexto, este trabalho irá focar especificamente no país de Angola a partir de um olhar sobre sua produção literária. Nesse sentido, Zamora (2012) afirma:

É facilmente constatável que a maioria das pessoas ainda pensa em termos de racialização (ou racismo), ou seja, acredita que há distintas raças humanas. Esta crença desenha verdadeiros mapas de navegação social para os brasileiros, desde sua primeira socialização. Contudo, o racismo não implica necessariamente no racismo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras,



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO

atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, à "raça" e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. (ZAMORA, 2012, p. 595)

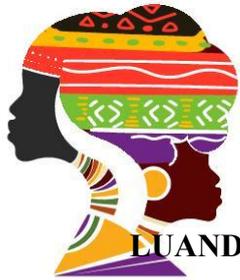
Desse modo, podemos entender como a segregação racial é uma ideia pautada na divisão de um determinado grupo social por causa de suas características fenotípicas. Tal ideologia tem como base pensamentos racistas, que determinam o valor do ser humano pela sua raça (cor), atrelando a questões culturais e intelectuais.

Nesse contexto, a África foi uns dos continentes que mais sofreu por conta da colonização europeia, que foi concebida e fomentada por muito preconceito racial. Em Angola, mais especificamente em sua capital Luanda, foco desta pesquisa, tal sofrimento se deu por muitos anos, levando em conta que a independência do domínio português só ocorreu no ano de 1975. Entretanto, os colonizadores já tinham estabelecido sua cultura e seus ideais no continente africano. Dessa forma, os portugueses, diante de seus privilégios, estabeleceram uma segregação racial, pois “O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia.” (FANON, 1961, p. 28-9). Determina-se, dessa mesma forma, uma divisão literal de tudo em relação aos negros e brancos, em Angola tanto no conto de Luandino como na sociedade como um todo. Ainda em consonância com o que foi exposto, Fanon afirma:

(...) A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos e estrangeiros. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a medina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. (...) A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão e de luz. (FANON, 1961, p. 28-9).

Portanto, havia uma enorme diferença entre os integrantes da sociedade angolana, conforme é retratado também no conto em análise. De um lado da cidade de Luanda, encontravam-se os musseques, habitados pela população negra (colonizados), que não possuíam o mínimo para a sobrevivência, pois as casas eram construídas com materiais extremamente frágeis, como papelão, pau a pique e madeira. Do outro lado da cidade, viviam os brancos (colonizadores/colonos), que se privilegiavam em residir em casas construídas com os melhores materiais, alimentação, água potável entre outros benefícios e privilégios.

Desse modo, é notória a relação entre os colonizadores e colonizados/angolanos, de opressor e oprimido, definindo o fenômeno do racismo através da segregação racial. Tal forma de discriminação está brilhantemente retratada no conto “A fronteira de Asfalto”, de Luandino Vieira.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

LUANDINO VIEIRA: VIDA E OBRA

José Luandino Vieira, pseudônimo literário de José Mateus Vieira da Graça, nasceu em 4 de maio de 1935, na Lagoa do Furadouro, em Ourém. Ainda criança, viajou aos três anos de idade para Angola, juntamente com seus pais, e lá passou parte da sua infância e juventude.

Escritor de origem portuguesa, tornou-se, entretanto, cidadão angolano, participando ativamente no movimento de libertação do país, influenciando diretamente para o nascimento da República Popular de Angola.

Na década de 1950, Luandino visitou a Sociedade Cultural de Angola (S.C.A), associação fundada em Luanda no ano de 1942, tendo como objetivo principal promover a educação artística e manifestações culturais. Tal associação começou a ter conhecimento das obras de Luandino e passou a assiná-las. Luandino foi preso em 1959 e 1961, tendo como justificativa a ligação ao Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA).

É importante compreender que todo caminho percorrido pelo autor está diretamente ligado à defesa das minorias. Mesmo sendo uma pessoa de pele clara, lutou arduamente pelos que mais necessitavam, principalmente os musseques, que viviam do outro lado da fronteira. Luandino utilizou de sua literatura para mostrar a realidade angolana, denunciando os crimes cometidos pelos opressores diante dos oprimidos.

A FRONTEIRA DE ASFALTO

O conto “A Fronteira de Asfalto”, de Luandino Vieira, está integrado à coletânea "A Cidade e a Infância" (2007). Tendo como temática uma reunião de narrativas curtas, o autor utiliza na obra as memórias de sua infância, mesclando realidade e ficção, tratando fortemente do contexto histórico em Angola. Nesse sentido, a coletânea propõe denunciar a realidade angolana, focando um espaço literário voltado aos musseques, que são conhecidos como bairros mais pobres de Luanda, capital de Angola.

A cidade que surge nos contos de Luandino Vieira não representa apenas um espaço narrativo, mas uma projeção que está no imaginário do próprio povo angolano. É provável que este aspecto ocorra devido ao choque entre as tradições europeias e as tradições orais. A partir desse encontro é possível uma configuração de uma recriação cultural, ou seja, um elemento que relaciona-se ao processo de hibridismo cultural. (BEZERRA, 2008, p. 03)



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Deste modo, o conto “A fronteira de Asfalto”, corpus desta pesquisa, conta uma narrativa entre um rapaz negro e uma garota branca. Quando crianças, eles tinham uma relação muito próxima, porém a realidade mudaria ao longo do tempo. Eles são separados pelos familiares quando chegam à adolescência. Tal separação ocorre também através do asfalto que separa a classe média dos “musseques”, bairros mais pobres e com moradores negros de Luanda, no contexto da colonização. Por pressão social e familiar, a separação acontece, resultando na morte do rapaz negro (Ricardo). Tal morte se dá por um “mal-entendido”, que será explicado a posteriori quando do detalhamento da análise.

ASPECTOS METAFÓRICOS EM “A FRONTEIRA DE ASFALTO”

O conto “A Fronteira de Asfalto” tem seu espaço e tempo situados na cidade de Luanda, capital de Angola, em um período pré-independência, ou seja, momento ainda da colonização portuguesa no referido país (fim dos anos 50 e início dos 60). Posto isso e partindo para a aplicação da microanálise proposta por Moisés (2007), podemos compreender que o aspecto de ambiente, desenvolvido por Gancho (2001), se apresenta para nós leitores no momento da caracterização de dois bairros da referida cidade, que serão os locais onde a história se desenrolará.

Deste modo, o próprio título do conto, “A Fronteira de Asfalto”, já traz uma menção a estes dois bairros e em como eles estão separados por esta “fronteira de asfalto”. Essa expressão surge como uma metáfora para a fronteira social que dividia os moradores dos musseques e do bairro luxuoso, revelando, assim, a segregação racial presente no conto, como enfatiza Severo (2017):

O próprio título do conto nos remete à separação. Enquanto o português colonizador estava situado no bairro branco, que ficava no asfalto, tinha jardins belos, um muro pequeno (assim a casa da personagem Marina), os negros estavam situados nos musseques (bairros populares do subúrbio): a casa de Ricardo era da cor amarela, tinha duas portas, três janelas, também tinha um cercado. Ficava perto da sombra das mulembas (árvores de copas volumosas). Essas casas eram construídas por pedaço de ripas. Tudo isso como símbolo de divisão étnico-social. (SEVERO, 2017, p. 21).

Tal problemática surge no conto, no momento em que Ricardo, morador do musseque e de pele negra, conversava com Marina, moradora do bairro luxuoso e “virou os olhos para o seu mundo” (VIEIRA, 2007, p.40). Nota-se que “seu mundo” surge como uma metáfora para o musseque onde mora Ricardo e que está do outro lado da rua asfaltada. Desse modo, Severo



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

(2017) entende que este também é o momento em que: “O preconceito racial entra em cena após eles crescerem, rompendo a amizade entre os dois. Além da diferença de cor, existia ainda a fronteira do asfalto, a dividir o mundo ao qual cada um pertencia.” (SEVERO, 2017, p. 22). Podemos ver esse aspecto da obra, assinalado por Severo, no trecho a seguir:

Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava cobria tudo. A casa dele ficava ao fundo. Via-se do sítio donde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril. (VIEIRA, 2007, p. 40)

Nota-se na citação acima que a narrativa salienta as disparidades dos dois mundos a partir da descrição das divergências nas constituições do musseque e do bairro luxuoso, enfatizando que o asfalto, um dos símbolos do progresso e que divide estes dois extremos, não está presente nas ruas do musseque. Além disso, é evidente no enredo que pessoas do musseque e do bairro luxuoso não podem manter relações de proximidade, como fica claro na fala de Marina: “Alguma vez te disse que não era tua amiga? Alguma vez te abandonei? Nem os comentários das minhas colegas, nem os conselhos velados dos professores, nem a família se tem voltado contra mim...” (VIEIRA, 2007, p.41).

Diante desse fato, Severo (2017) pontua que enquanto crianças que eram, Marina enxergava Ricardo como um igual, entretanto, após crescerem e devido à influência das pessoas que a cercam e, principalmente, por conta de sua família, ela passa a olhar para ele com preconceito. Desse modo, o autor pontua que “as causas do racismo estão ligadas essencialmente no seio da própria família que, com seus maus exemplos, atuam por um lado negativamente na formação da personalidade de seus filhos.” (SEVERO, 2017, p. 22). As crianças, portanto, não compreendem o racismo nem sequer entendem o que os adultos estão fazendo.

Seguindo a análise, a metáfora da “fronteira de asfalto” surge pela primeira vez dentro do conto, a fim de ilustrar essa perda de inocência dos personagens, no seguinte trecho: “E lembrava-se do tempo em que não havia perguntas, respostas, explicações. Quando ainda não havia a fronteira de asfalto.” (VIEIRA, 2017, p.41). Portanto, percebe-se que a metáfora presente neste trecho faz menção à infância dos personagens e que agora, na vida adulta, esta “fronteira de asfalto” surge para segregá-los em seus “devidos mundos”.

A fim de ilustrar essa perda, Vieira (2017) faz uso mais uma vez de mecanismos discursivos e metafóricos como podemos ver no trecho a seguir, que, mais uma vez, reforça essa ideia de divisão (segregação) presente no conto:



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

— Bons tempos — encontrou-se a dizer. — A minha mãe era tua lavadeira. Eu era o filho da lavadeira. Servia de palhaço à menina Nina. A menina Nina dos caracóis loiros. Não era assim que te chamavam? — gritou ele .

Marina fugiu para casa. Ele ficou com os olhos marejados, as mãos ferozmente fechadas e as flores violeta caindo-lhe na carapinha negra.

Depois, com passos decididos atravessou a rua, pisando com raiva a areia vermelha e sumiu-se no emaranhado do seu mundo. Para trás ficava a ilusão. (VIEIRA, 2007, p. 41, grifo nosso).

Como podemos observar, o trecho acima faz referência à infância dos personagens, da qual Ricardo tem nostalgia, e a qual o narrador denomina metaforicamente de “ilusão”. Mesmo tendo estado sua infância inteira na condição de “palhaço da menina Nina”, na concepção de Ricardo havia uma relação de igualdade entre eles, mas, com o rompimento imposto e o fato de ter de voltar a seu “mundo”, isso lhe causa revolta. Como afirma Severo (2017):

O racismo atinge diretamente a vida psicológica das pessoas, porque passam a sofrer humilhações devido às maneiras como são tratadas e podem trazer impactos em sua saúde psíquica. A rejeição e a timidez são sentimentos que acometem a maioria das pessoas discriminadas, deixando-as avessas ao convívio social. (SEVERO, 2017, p. 22).

Posteriormente, a própria Marina é confrontada e lembrada por sua mãe de seu papel e seu lugar nesta sociedade dividida pela fronteira de asfalto. Além disso, ela reforça a ideia de que a relação de outrora, de sua infância, ficou para trás, e que agora Ricardo é apenas mais um “preto”.

— Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse... teu amigo Ricardo não podes continuar. Isso é muito bonito em criança. **Dois crianças. Mas agora... um preto é um preto...** As minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação. Que te deixei... Bem sabes que não é por mim! (VIEIRA, 2007, p. 42, grifo nosso).

Diante do trecho do conto acima transposto, podemos perceber que a sociedade de Luanda, no tocante à classe colonizadora (brancos), apresenta a necessidade de se fazer nítida sua “superioridade” frente aos colonizados (negros). Sobre esse aspecto, Severo (2017) aponta a figura do policial que é português, como um fonte de manutenção desta dita “superioridade”, bem como mantenedor da divisão entre os dois “mundos”. Tal fato pode ser visto no trecho a seguir:

— Alto aí! O qu’ é que estás a fazer? Ricardo sentiu medo. O medo do negro pelo polícia. Dum salto atingiu o quintal. As folhas secas cederam e ele escorregou. O Toni ladrou.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

— Alto aí seu negro. Pará. Pará negro! Ricardo levantou-se e correu para o muro. O polícia correu também. Ricardo saltou. (VIEIRA, 2007, p. 43).

Como pode-se ver, Ricardo estava onde não deveria estar, isto é do “lado de cá” da fronteira, ele havia atravessado para ver Marina. Entretanto, o “polícia” surge, e, com medo de ser preso ou até mesmo ter sua vida ceifada, ele resolve fugir. Como demonstramos no decorrer deste trabalho, a divisão imposta pela “fronteira de asfalto” não era apenas metafórica e o estado português reprimia severamente os transgressores. No entanto, por medo de tais represálias, Ricardo continua a fugir até chegarmos ao clímax do conto.

Luzes ascenderam-se em todas as janelas. O Toni ladrava. Na noite ficou o grito loiro da menina de tranças.

Estava um luar azul de aço. A lua cruel mostrava-se bem. De pé, o polícia caqui desnudava com a luz da lanterna o corpo caído. **Ricardo, estendido do lado de cá da fronteira, sobre as flores violeta das árvores do passeio.**

Ao fundo, cajueiros curvados sobre casas de pau-a-pique estendem a sombra retorcida na sua direcção. (VIEIRA, 2007, p. 44, grifo nosso).

Estes são os últimos acontecimentos narrados no conto, bem como a última vez em que a metáfora da “fronteira de asfalto” surge, porém, desta vez, acompanhada de outra metáfora: “Ao fundo, cajueiros curvados sobre casas de pau-a-pique estendem a sombra retorcida na sua direcção.” (VIEIRA, 2007, p. 44), A sombra surge aqui como uma forma de ilustrar que, mesmo do “lado de cá” da “fronteira”, Ricardo não pertencia àquele lugar, pois a sombra retorcida dos musseques estendia-se em sua direcção, como a buscá-lo para o “lado” a que ele, de fato, pertencera o tempo todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, após à análise aqui apresentada, podemos concluir que as relações de poder vigentes no conto “A Fronteira de Asfalto” refletem a segregação racial presente no contexto social de Angola, uma vez que o uso das metáforas, sobretudo a da “fronteira de asfalto”, ilustra perfeitamente a realidade vivenciada pela população negra de Luanda. Tal população estava segregada entre os musseques, formados pelos negros colonizados, e os bairros de luxo, pelos brancos colonizadores portugueses.

Assim sendo, nossa hipótese inicial de que tal situação de segregação se estabelece dentro do conto a partir do enfoque simbólico, ou seja, dos aspectos metafóricos dentro da narrativa se sustenta, pois, como podemos ver no decorrer de nossa análise, as metáforas são empregadas pelo autor como um recurso narrativo que constrói um enredo, em que é



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

denunciada a segregação racial. Essa denúncia, no contexto no qual foi escrito o conto, necessitava, contudo, ser feita de forma “discreta”, mas não deixou de expor a realidade de forma gritante, visto que se tratava e se trata de assuntos extremamente relevantes, ou seja, o preconceito e a segregação racial.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática; 9ª edição (1 janeiro 2006).

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

SEVERO, Célio de Andrade. **O preconceito racial presente no conto “A fronteira de asfalto” de José Luandino Vieira**. 2017. 25, Marabá, 2017. Disponível em:<<http://repositorio.unifesspa.edu.br/handle/123456789/676>>. Acesso em: 13/ 09/ 2023 às 13 horas.

VIEIRA, José Luandino, 1933. **A cidade e a infância**: contos / José Luandino Vieira. — São Paulo; Companhia das Letras, 2007.

ZAMORA, M. H. R. N. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos**. Fractal : Revista de Psicologia, v. 24, n. 3, p. 563–578, dez. 2012.